

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Freud e Aristóteles – *Die Verneinung e De Anima III 7*

Carla Francalanci
UFRJ/PPGF¹

RESUMO: Este trabalho visa comparar a concepção aristotélica apresentada em *De Anima III* (Capítulos 9 a 11) com a que é exposta por Freud, no texto “A negação” (“*Die Verneinung*”). Nosso intuito é mostrar como o texto de Freud pode ser lido como uma reelaboração da teoria aristotélica acerca da relação entre movimento, desejo e juízos.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Aristóteles; negação; movimento; desejo; juízo.

ABSTRACT: The aim of this paper is to compare some Aristotelian formulations presented in *De Anima III* (Chapters 9 to 11) and the theory exposed by Freud in “Negation” (“*Die Verneinung*”). I intend to show that Freud’s text can be read as a re-elaboration of the Aristotelian theory, which connects movement, desire, and declarative judgments.

KEYWORDS: Freud; Aristotle; negation; movement; judgment.

O texto *Die Verneinung* parte de observações da clínica, onde constata uma separação entre os processos intelectual e afetivo nos pacientes que negam em análise certos conteúdos que lhes ocorrem; a análise mostra, porém, ser o conteúdo negado precisamente o que se deve levar em consideração, o que leva Freud a prosseguir na interpretação do conteúdo ignorando a sua negação. “Você me pergunta”, diz o analisando, “quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é. Então é a mãe”, conclui Freud. Esse procedimento se encontra em acordo com sua interpretação do inconsciente como não comportando negação, expresso na *Interpretação dos sonhos* e reiterado neste texto:

Harmoniza-se muito bem com essa concepção da negação o fato de que na análise não encontramos nenhum “não” vindo do inconsciente e de que o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se exprime numa fórmula negativa.. (FREUD, 2011, p. 254)

¹ Artigo realizado com apoio Capes/Cofecub, no âmbito do acordo de cooperação Capes/Cofecub 841/15 “PRÁTICAS E TEORIAS DA POÉTICA NA GRÉCIA ANTIGA: DE PARMÊNIDES A ARISTÓTELES.”

Freud considera que o procedimento da negação mostra a aceitação intelectual de um conteúdo reprimido, que, ao negá-lo, mantém, contudo, o mecanismo da repressão intacto com relação ao mesmo.

A partir desse fenômeno, Freud se lança a trabalhar metapsicologicamente o juízo, onde essa faculdade, responsável por “confirmar ou negar os conteúdos dos pensamentos” (FREUD, 2011, p. 251), será investigada com relação à sua gênese no psiquismo.

A metapsicologia, lugar de criação de conceitos operativos e, assim, de uma espécie de “especulação engajada”, complementando a clínica com possibilidades teóricas explicativas – ou arqueológicas, como parece ser o caso neste texto –, é o âmbito de teorização que permite, para a filosofia, o estabelecimento de um diálogo com a psicanálise. Nas palavras de Jean Hyppolite, em seu comentário ao texto de Freud:

Peço desculpas aos psicólogos que aqui estão, mas não gosto muito da psicologia positiva (ciência que explica os fenômenos psíquicos) em si; poderíamos tomar essa gênese como psicologia positiva; (mas) ela me parece mais profunda em seu alcance, como sendo da ordem da história e do mito. E penso, pelo papel que Freud faz esse afetivo primordial desempenhar, na medida em que ele engendra a inteligência, que é preciso entendê-lo tal como ensina o dr. Lacan: ou seja, que a forma primária de relação a que psicologicamente chamamos afetiva situa-se, ela mesma, no campo distintivo da condição humana, e, se engendra a inteligência, é porque já comporta de saída uma historicidade fundamental; não existe o afetivo puro de um lado, inteiramente engajado no real, e o intelectual puro de outro, que dele se desvencilharia para retomá-lo. Na gênese descrita aqui, vejo uma espécie de grande mito; e, por trás da aparência de positividade em Freud, há esse grande mito que a sustenta. (LACAN, 1998, p. 897)

O mito consistiria, em uma primeira abordagem, no encaminhamento dado à questão. Em primeiro lugar, Freud distingue, pautado na tradição filosófica, duas funções do juízo: de atribuição e de existência, nas quais o juízo apresenta a sua dupla polaridade, funcionando sempre como positivo ou negativo. Ele então converte a primeira operação, o juízo atributivo, para a linguagem simplificada da fase oral, a expressão mais primordial da expressão de desejo, e assim o juízo predicativo, que atribui uma qualidade a um sujeito, origem das atribuições de “bom” ou “mal”, pode ser lido como: “quero comer isso ou quero cuspi-lo, por algo para dentro ou retirá-lo de mim”. Haveria, segundo a formulação freudiana, um “Eu-de-prazer” que atribuiria aos

Francalanci, Carla
Freud e Aristóteles – Die Verneinung e De Anima III 7

objetos um caráter bom ou mau, e que deseja excluir de si todo mal e introjetar tudo o que é bom. É preciso salientar, aqui, o tratamento dado a essa fase dita “primitiva” como sendo, no texto freudiano, lida ela também como uma linguagem, como instaurando já de saída uma “gramática”, a da polaridade incorporar-expelir.

Por sua vez, o juízo de existência aparece ligado ao Eu-realidade, formado a partir do Eu-de-prazer, e esse juízo visa discriminar “se algo que se acha no Eu como representação pode ser encontrado também na percepção (realidade)” (FREUD, 2011, p. 252). Freud reconverte esse juízo, igualmente, a uma relação interior-exterior: o só representado está dentro, o que também é percebido se acha fora.

Como precondição para que esse exame de realidade se instaure, está a perda dos objetos que um dia causaram real satisfação.

A experiência ensinou que é importante não apenas que uma coisa (objeto de satisfação) possua a característica “boa”, isto é, mereça o acolhimento no Eu, mas que também se ache no mundo exterior, de modo que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade. (FREUD, 2011, p. 253)

A constituição desse Eu-realidade se encontra, assim, marcada pela perda do objeto, e por um descolamento com relação ao âmbito do percebido. Afirma Freud que a necessidade de formação desse Eu-realidade advém da experiência de que a representação que formamos daquilo que foi percebido não é necessariamente fiel, podendo ser distorcida ou mesclada com outros elementos. Esse Eu, assim, se formaria pelo encontro com a perda do objeto e pelo reconhecimento do aspecto eminentemente fantasmático de nossas representações.

É importante salientar também o recorte eminentemente prático da concepção freudiana de juízo (*Urteil*): Assim Freud define, no texto, o julgar: “Julgar é a ação intelectual que decide a escolha da ação motora, põe fim à protelação devida ao pensamento e conduz do pensar ao agir.” (FREUD, 2011, p. 253)

Mas a reflexão freudiana se dirige a essas estruturas fundacionais do vivente que podemos apontar como o segundo sentido da dimensão mítica atribuída a ele por Jean Hyppolite:

O estudo do juízo nos permite, quiçá pela primeira vez, vislumbrar a gênese de uma função intelectual a partir do jogo dos impulsos instintuais primários. Julgar é uma continuação coerente da inclusão no Eu ou expulsão do Eu, que originalmente se dava conforme o princípio do prazer. Sua polaridade parece corresponder à oposição dos dois grupos de instintos que supomos. A afirmação —

Françalanci, Carla
Freud e Aristóteles – Die Verneinung e De Anima III 7

como substituto da união — pertence ao Eros, a negação — sucessora da expulsão — ao instinto de destruição. (FREUD, 2011, p. 253)

Afirmção e negação, dessa forma, são conduzidas à dupla estrutura originária da pulsão, a Eros e Tânatos, ou ao princípio de prazer e àquilo que foi postulado em 1920 como o seu “mais além”; a negação, assim, se inscreve sobre o “impossível de ser dito” da morte. Freud é conduzido, pela clínica, a postular um princípio que se situa muito além dessa, num âmbito fundacional alocado no entrecruzamento entre científico, ontológico e mítico. O “mito” de Freud traz a morte como uma das potências fundantes do vivente.

Ao ler esse texto, minha primeira surpresa foi a semelhança quanto à busca genética com relação a *De Anima III 7*. A formulação freudiana se constrói, se não sobre a base aristotélica, ao menos em diálogo velado com ela, uma vez que esse texto clássico relaciona, no trecho em questão, a ordem judicativa atributiva, com sua afirmação e negação, às operações do vivente, em particular do animal, calcadas na inclinação (*órexis*), que têm sua origem nas experiências de prazer e dor, e que suscitam no animal o deslocamento, cuja finalidade principal pode ser resumida a perseguição ou fuga. O texto aristotélico:

Assim, por um lado, a percepção é como a mera asserção (*phánai mónon*) e o pensamento (*noús*): quando algo é prazeroso ou doloroso, a alma o persegue ou evita, como (o pensamento) afirma ou nega. Ter prazer ou dor é realizar (ativar, atualizar - *energein*) a mediedade perceptiva relacionada ao bem ou ao mal enquanto tais. Também a fuga e a inclinação (*órexis*) são isso que é segundo o ato, e não são distintas as faculdades de inclinação e de fuga, nem entre si e nem com relação à faculdade perceptiva: contudo, são distintas quanto ao ser. Para a alma pensante (*dianoetikè psykhé*), as imagens (*phantásmata*) existem como as percepções. Quando ela afirma ou nega que (essas imagens) são boas ou más, (delas) foge ou (as) persegue. (ARISTÓTELES, 2000, 431a8-17). Tradução minha.

Minha segunda surpresa foi não encontrar, na fortuna crítica, até o momento, relações entre esses dois textos. O escrito freudiano é largamente remetido pelos comentadores a comparações filosóficas, contudo essas se dão com relação a Hegel e Kant, enquanto as aproximações entre Freud e Aristóteles incidem primordialmente sobre a *kátharsis* e o princípio de não contradição.

Gostaria de justapor neste texto – neste momento, de maneira por demais superficial – o modo como os dois autores estruturam a relação entre juízo e desejo,

Françalanci, Carla
Freud e Aristóteles – Die Verneinung e De Anima III 7

para então comparar brevemente, por fim, os “mitos” de origem, seguindo a formulação de Hyppolite, que fundam a elaboração de cada um.

O *DA* começa por estabelecer planos superpostos de estruturação dos seres vivos, onde a função ou faculdade predominante de cada plano reestrutura o modo de realização para cada vivente. Assim, é possível trabalhar em paralelo as atividades da planta, do animal e do homem, a partir do reordenamento da relação alma-meio dada pelo elemento/função nutritivo, perceptivo e intelectivo.

A partir de III-9 podemos compreender melhor a passagem citada. Pois a necessidade de explicar o movimento quanto ao lugar, presente nos animais e nos humanos, leva Aristóteles a retornar à divisão da alma em partes (nutritiva, perceptiva e intelectiva), que sustentou sua investigação até esse momento, e introduzir um corte transversal nos estratos separados desses viventes que se deslocam, ao afirmar que há algo que perpassa todas as camadas, ainda que se reconfigure segundo o elemento-função predominante em cada uma delas: esse algo é denominado abrangentemente *órexis*, que opto por traduzir por “inclinação”. Sua presença em cada camada a reconfiguraria em *epithymía*, “apetite”, caso se encontre no animal **ou** diga respeito àquilo que, no homem, ele possui em comum com os animais, o direcionar-se para comida, bebida, sexo e prazeres ligados ao corpo, em *thymós*, ímpeto ou cólera (presente no texto para dialogar com e criticar a divisão platônica), ou em *boúlesis*, “desejo”, caso se encontre no homem e diga respeito a alvos pertencentes à alçada do humano, como o desejo por uma vida melhor, o desejo por sobressair-se em uma atividade, o desejo de imortalidade (exemplos tomados a partir da *EN III*).

A causa do movimento será apontada, então, como sendo dupla: inclinação e intelecção (Livro X – *hè órexis hè noús*), desde que se entenda a *phantasia* como inscrita nessa última, por suplantando nos homens, muitas vezes, o conhecimento, e por ser aquilo que nos animais se encontra no lugar da intelecção ou do raciocínio. Mas é preciso salientar que a intelecção aqui referida, no âmbito humano, é o pensamento ou intelecção prática, que apresenta um bem como fim. Esse bem prático aparece então como causa no sentido do motor imóvel, enquanto o objeto da inclinação figura como o motor intermediário, a um só tempo motor e movido.

Retornando à passagem que escolhemos evidenciar, Aristóteles começa estabelecendo o paralelo entre o modo como algo se apresenta à percepção e à

Françalanci, Carla
Freud e Aristóteles – Die Verneinung e De Anima III 7

intelecção ou à asserção. Como foi afirmado em III 2, no pensar trata-se de uma operação composta, no pensamento, de *phantasia* e *hypólepsis*: uma dimensão de apresentação conjugada a uma dimensão discriminativa ou crítica. A *aísthesis* igualmente foi trabalhada tanto em uma dimensão apresentativa, no seu modo de ser o mesmo que o seu objeto no que diz respeito à forma, quanto em sua dimensão de *krínein*, por seu modo de discernir, discriminando o percebido.

O prazeroso e doloroso são introduzidos através da afirmação da percepção como mediedade: se, como foi afirmado em II 11 (424 a), é possível estabelecer um meio, correspondendo a um grau 0 de percepção, e extremos que correspondem à destruição da percepção por excesso ou falta, será possível associá-los, nesse momento do texto, a prazer e dor, de modo a que se possa compreender o prazeroso como o que permanece próximo ao meio, o doloroso como o que se aproxima do extremo, e assim relacioná-las a bom mau.

É afirmada a similitude entre percepção, prazeroso e doloroso no tocante à realização, à *enérgeia*. Podemos entender essa colocação como sendo uma única e mesma faculdade, no caso, a sensação, que pode dar azo aos sentimentos de dor ou prazer; contudo, se não diferem quanto à *enérgeia*, diferem quanto ao ser, uma vez que suas formas são plenamente distinguíveis, e nem toda percepção leva a dor ou prazer.

Aristóteles introduz no plano do *noús*, em paralelo à dimensão apresentativa da *aísthesis*, a *phantasia*. Nas almas capazes de *phantasia*, os *phantásmata*, imagens que podem vir no sonho, pela memória ou por substituição às percepções não acuradas, são também capazes de suscitar prazer ou dor. Há, então, uma transposição da ação de perseguir ou fugir para a linguagem, na qual essa ação se converte em afirmação ou negação.

A questão da *phantasia* como capaz de suscitar desejo conduz Aristóteles às considerações sobre a distinção entre Bem e bem aparente (ARISTÓTELES, 2000, 433a29-30). O que, contudo, não será posto em discussão jamais é que a inclinação tenha como objeto o Bem. Assim, o movimento é gerado pelo bem prático, que se torna o objeto – o único, seja aparente ou real – da inclinação.

As considerações aristotélicas partem – e constantemente, convergem para – o princípio do Bem como fundador e ordenador dos diversos níveis da realidade. No *DA*, ele se apresenta explicitamente nas afirmações presentes em III 11 (ARISTÓTELES 2000, 434a15), “Pois na natureza a porção superior sempre dirige e move (a inferior)”, e

Françalanci, Carla
Freud e Aristóteles – Die Verneinung e De Anima III 7

em 11 (432b22), repetido em 12 (434a31): “se é verdade que a natureza não cria nada em vão, (...)”.

Gostaria de denominar esse postulado o “mito” aristotélico, o princípio inquestionável estruturador da ordenação do mundo físico e humano para o Estagirita. Sob diversas configurações, esse princípio imperou soberano no pensamento Ocidental. E é precisamente na contramão desse mito que se instala a reflexão freudiana acerca da negação.

Gostaria de apresentar apenas a sua formulação mais desenvolvida, no texto “Além do princípio de prazer”:

Em algum momento, por uma ação de forças ainda inteiramente inimaginável, os atributos do vivente foram suscitados na matéria inanimada. Talvez tenha sido um processo exemplarmente semelhante ao que depois, em certa camada da matéria viva, fez surgir a consciência. A tensão que sobreveio, na substância anteriormente inanimada, procurou anular a si mesma; foi o primeiro instinto, o de retornar ao inanimado. Era fácil morrer, para a matéria então vivente; provavelmente percorria um curso de vida bastante breve, cuja direção era determinada pela estrutura química da jovem vida. Assim, por longo tempo a substância viva pode ter sido repetidamente criada, sempre morrendo com facilidade, até que decisivas influências externas mudaram de forma tal que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desviar-se cada vez mais do curso de vida original e fazer rodeios cada vez mais complicados até alcançar a meta da morte. Tais rodeios rumo à morte, fielmente seguidos pelos instintos conservadores, nos ofereceriam hoje o quadro dos fenômenos da vida. Se nos ativermos à natureza exclusivamente conservadora dos instintos, não poderemos chegar a outras conjecturas acerca da origem e do objetivo da vida.

(...) O que daí resta é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais guardiães da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte. (FREUD, 2010, PP. 149-150)

Trago essas considerações apenas esboçadas porque considero importante apontar, nessa comparação e diferença, o mito freudiano como fundador da experiência contemporânea, em sua cisão abrupta com relação ao Bem, vigente até o fim da Modernidade. Interessa ao vienense aquilo que, no vivente, resiste à vida; na contramão de Darwin, poderíamos dizer: aquilo que, no vivente, precisamente **não** se adapta e tende a retornar ao seu estado original inorgânico.

Em 1908, ao ser efusivamente saudado pelos americanos em seu desembarque nos Estados Unidos, Freud teria dito a Jung: “Eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste”.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTOTLE. “On the soul”, IN: *On the soul, Parva naturalia, On breath*. Translated by W. S. Hett. Cambridge and London: Oxford University Press, 2000.
- BIRMAN, J. Freud e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- FREUD, S. Obras completas - vol. 14. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Obras completas - vol. 16. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GREEN, A. Commentaires après coup sur le Travail du Négatif. Colloque d’Athènes, 24-26 novembre 2006.
http://www.psichoanalysis.gr/documents/Green_Commentaires_Travail_du_Negatif.pdf
- LACAN, J. Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- LACAN, J. O seminário- Livro 1 – os escritos técnicos de Freud. Texto estabelecido or Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- POLANSKY, R. Aristotle’s *De Anima*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

[Recebido em setembro de 2018; aceito em dezembro de 2018.]